

JESUS E BARTIMEU: A TEORIA DA TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES EM UM DISCURSO TEOLÓGICO

Max Silva da Rocha¹

Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Laura Nicolly Fagundes de Lima Silva²

Licenciada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/Palmeira dos Índios)

João Benvindo de Moura³

Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

O nosso trabalho fundamenta-se nos estudos retóricos da linguagem a partir da teoria da Trajetória das Paixões, formulada pelos recentes estudos da professora doutora Maria Flávia Figueiredo, bem como por meio de textos de outros estudiosos da retórica aristotélica. Temos como principal objetivo realizar uma análise sobre as paixões retóricas que provavelmente foram suscitadas durante o encontro entre Jesus e Bartimeu, conforme narrativa encontrada em Marcos 10:46-52. Neste estudo, compreendemos a retórica como uma disciplina que fornece os meios de analisar os aspectos persuasivos presentes em um discurso, neste caso, o teológico. No âmbito retórico, selecionamos o *pathos*, entendido como o conjunto de paixões ou emoções que o orador almeja insuflar em seu auditório. Nosso arcabouço teórico-metodológico está alicerçado nos seguintes estágios da Trajetória das Paixões: Disponibilidade, Identificação, Despertar da Paixão, Mudança de Julgamento e Ação. Após as análises, percebemos que o orador Jesus conseguiu persuadir Bartimeu por meio de estratégias persuasivas ancoradas na patemização. Algumas paixões como a misericórdia, a confiança, o amor, a benevolência, certamente foram despertadas durante o ato retórico encenado entre Jesus e Bartimeu e, por meio delas, o jovem profeta da aldeola de Nazaré conseguiu lograr êxito em seu empreendimento retórico.

Palavras-chave: Discurso teológico. Paixões retóricas. Persuasão.

ABSTRACT

Our work is based on rhetorical studies of language from the theory of the Trajectory of Passions, formulated by the recent studies of Professor Maria Flávia Figueiredo, as well as through texts by other scholars of Aristotelian rhetoric. Our main objective is to analyze the rhetorical passions that were probably aroused during the encounter between Jesus and Bartimaeus, according to the narrative found in Mark 10:46-52. In this study, we understand rhetoric as a discipline that provides the means to analyze the persuasive aspects present in a discourse, in this case, the theological one. Within the rhetorical framework, we have selected pathos, understood as the set of passions or emotions that the speaker wishes to instill in his audience. Our theoretical-methodological framework is based on the following stages of the Trajectory of Passions: Availability, Identification, Awakening of Passion, Change of Judgment and Action. After analysis, we realized that the speaker Jesus managed to persuade Bartimaeus through persuasive strategies anchored in pathos. Certain passions, such as mercy, trust, love and benevolence, were certainly aroused during the rhetorical act staged between Jesus and Bartimaeus and, through them, the young prophet from the village of Nazareth succeeded in his rhetorical endeavor.

¹ Endereço eletrônico: msrletras@gmail.com

² Endereço eletrônico: laura.silva@alunos.uneal.edu.br

³ Endereço eletrônico: jbenvido@ufpi.edu.br

Keywords: Theological discourse. Rhetorical passions. Persuasion.

Considerações iniciais

Este trabalho está inserido nos estudos retóricos da linguagem, mais precisamente, numa perspectiva aristotélica, tomando como base a categoria do *pathos*. O nosso principal objetivo é analisar quais paixões retóricas foram despertadas pelo orador Jesus de Nazaré com o intuito de convencer e persuadir⁴ seu auditório social. Para tanto, toma-se a retórica como uma arte ou técnica milenar, capaz de descobrir o que cada discurso comporta de elemento persuasivo, manifestado no jogo linguageiro conflituoso entre diferentes sujeitos enunciadore, os quais se utilizam do discurso para produzirem efeitos de sentido diversos.

Na esteira de Aristóteles (2011, p. 44), “pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função”. Com base nessa definição, importa analisar de que maneira um discurso apresenta em sua configuração elementos persuasivos. Nenhum discurso é neutro ou inocente, ao contrário, sempre almeja determinado efeito de sentido entre os interlocutores. O mestre grego preconiza três elementos indissociáveis no discurso argumentativo: *ethos*, *logos* e *pathos*. O primeiro corresponde à construção da imagem de si; o segundo, ao encadeamento racional de diferentes argumentos; o terceiro, ao conjunto de paixões ou emoções.

Os dois primeiros (*ethos* e *logos*) estão voltados para o orador e o último (*pathos*) para o auditório. Mesmo sabendo que se trata de uma trilogia inseparável, trabalhamos neste estudo com maior ênfase sobre o *pathos*. Essa escolha não é aleatória, mas se deu porque o nosso material de análise apresenta, de forma substancial, um viés mais passional do que racional. Além disso, os efeitos propagados via discurso são expressivamente de natureza patêmica. Por isso, optamos por estudar a categoria do *pathos*. Acerca desse recurso, o filósofo grego afirma: “A persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia, ou júbilo, amizade ou hostilidade” (Aristóteles, 2011, p. 45-46).

⁴ Existe uma diferença entre convencer e persuadir. “Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. [...] Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 30). O convencimento está para o componente racional; o persuadir, para o emocional.

Escolhemos o discurso teológico para estudar as paixões retóricas. Esse tipo de discurso é muito utilizado nas igrejas cristãs, sejam católicas ou evangélicas. É um discurso que influencia de forma potencial a vida da cristandade ocidental. É imprescindível entender que o discurso teológico não é igual ao discurso religioso. São discursos que se aproximam, todavia, são diferentes. Nascimento (2020, p. 35) ressalta: “O discurso religioso constitui um quadro de referência obrigatório aos posicionamentos ideológicos” e o “discurso teológico, ao contrário do religioso, encena particularidades enunciativas e funda-se em estruturas míticas de natureza ontológica incontestáveis, que validam outros tipos de discurso, garantindo-lhe legitimidade”. Assim, entendemos que o discurso religioso fala a voz do padre, do pastor, do sacerdote, da igreja, enquanto posição ideológica. O discurso teológico fala a voz de um Deus, de um Absoluto de natureza mística ou mítica que não se pode contestar. Livros como a Bíblia, por exemplo, contém o discurso teológico, haja vista que se acredita, na religião cristã, que é a voz de Deus que enuncia por meio dos textos que compõem todo o cânon bíblico.

Dentre os muitos livros bíblicos, escolhemos o nosso *corpus* a partir do evangelho segundo Marcos, mais precisamente no capítulo 10, versículos 46-52, cuja narrativa mostra o encontro entre Jesus e Bartimeu. Esse livro está inserido no cânon do Novo Testamento da Bíblia Sagrada Cristã. Segundo nos informa o estudioso bíblico Ehrman (2014), os evangelhos foram escritos em um grego de bom nível e altamente proficiente. Embora não se saiba quem redigiu os evangelhos, o referido teórico advoga que os autores desses livros bíblicos eram falantes e escritores excepcionalmente cultos. Por isso, certamente esses autores deviam ser de classes sociais altas, talvez de zonas urbanas fora da antiga Palestina.

Os livros datam do final do século I e “o Evangelho de Marcos seria o mais antigo, provavelmente escrito por volta de 70 EC⁵; os Evangelhos de Mateus e Lucas teriam sido elaborados pouco depois, possivelmente entre 80 e 85 EC; e o de João seria o último, no período de 90-95 EC” (Ehrman, 2014, p. 45). Como vemos nessa citação, provavelmente, o evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito e, depois, os outros. Esse livro serviu de base para os evangelhos de Mateus, Lucas e João. Todavia, o evangelho de João destoa dos outros, uma vez que não apresenta as mesmas histórias que estão relatadas nos outros livros.

Ademais, escolhemos o arcabouço teórico-metodológico da teoria da Trajetória das Paixões para analisar o discurso teológico selecionado neste trabalho. Essa recente teorização contribui com a nossa perspectiva, visto que se funda na retórica aristotélica e seleciona o *pathos* retórico como categoria fulcral de análise. Ela ainda fornece um quadro metodológico

⁵ Significa Era Comum, ou d.C., depois de Cristo. É o período histórico que se iniciou após Jesus de Nazaré.

consistente que ajuda a destrinchar o percurso que um discurso passional realiza por ocasião de um determinado ato retórico. Desse modo, é possível, com essa teoria, reconhecer de que maneira a persuasão de linha emocional conseguiu interpelar o auditório.

Metodologicamente, o nosso estudo, segundo os postulados de Paiva (2019), segue a pesquisa de natureza básica, pois almeja aumentar o conhecimento em torno dos estudos retóricos da linguagem; quanto ao gênero, é uma pesquisa teórica, já que pretende estudar uma teoria específica e contribuir com novas informações; quanto às fontes de informação, é uma pesquisa primária, pois o próprio pesquisador escolheu e selecionou os dados para serem analisados; quanto à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, visto que busca interpretar, descrever e compreender o fenômeno estudado; quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva e explicativa, pois mostra como os dados significam e produzem sentidos.

Além das considerações iniciais, finais e das referências, este trabalho está dividido em três seções. Na primeira, apresentamos um percurso teórico em torno do *pathos* retórico, mostrando definições e caracterizações desse importante dispositivo argumentativo. Na segunda, teorizamos acerca da Trajetória das Paixões, apresentando as origens dessa nova teoria e seus componentes e/ou dispositivos teórico-analíticos. Na terceira, discorreremos sobre a análise propriamente dita, enfatizando os estágios passionais presentes no discurso teológico. Todas essas seções foram seguidas a fim de cumprir o objetivo deste estudo retórico.

Nesse sentido, este artigo mostra a importância da aplicação da Trajetória das Paixões no discurso teológico, ao mesmo tempo em que abre espaço para que novas pesquisas possam ser realizadas com esse tipo de discurso. Esperamos conseguir isso nas próximas linhas.

Questões retóricas ligadas ao *pathos*

Como parte integrante da tríade retórica defendida pelo filósofo grego Aristóteles, o *pathos*, juntamente ao *ethos* e ao *logos*, é uma das provas retóricas ligadas à persuasão, sendo ele, o conjunto de paixões, despertadas no auditório pelo orador que professa o discurso argumentativo. São as emoções, os sentimentos, as paixões que impulsionam a construção da persuasão de teor afetivo, por meio do discurso do orador. Nesse sentido, as paixões são consideradas procedimentos discursivos retóricos no que diz respeito à influência persuasiva que exercem. Isso porque os sentimentos e as afetividades são suscitados com o objetivo de conduzir o auditório a um estado emocional, por meio do qual o orador possa, de maneira habilidosa, conduzir o seu interlocutor a realizar ações coordenadas via discurso.

Nesse sentido, Aristóteles (2011, p. 122-123) preleciona que “as paixões (emoções) são as causas das mudanças nos nossos julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer. São elas: a cólera, a compaixão, o medo e outras paixões semelhantes, bem como os seus contrários”. Nessa linha de pensamento, verificamos a influência que as paixões desempenham na formação de ideias, opiniões e julgamentos das pessoas. Na verdade, somos movidos por paixões, as quais têm o poder de nos condicionar a realizar ações. São as paixões que modificam os homens, pois os deixam alegres, tristes, coléricos, piedosos. Como salienta Mosca (2017, p. 16), “em nossos dias, não se pode discutir o processo da argumentação, sem que se trate da função que as emoções nele desempenham”, uma vez que elas estão no centro do fazer retórico.

Por conseguinte, podemos afirmar que, ao ser tomado por uma paixão, o auditório coloca à disposição o seu campo sensível e permite que suas disponibilidades emocionais sejam identificadas pelo orador que se utiliza desse recurso persuasivo para conquistar a adesão de sua audiência e realizar seu ato argumentativo com precisão. Para que esse processo se estabeleça com primazia, é necessário que o auditório participe do acordo argumentativo com o orador e preste atenção ao que está sendo dito. A partir daí, Ferreira (2017, p. 67) afirma que “a missão do orador, nesse sentido, é impregnar o auditório de paixões, de sensações diferentes ligadas às nuances infundáveis de intensidade da dor ou do prazer”, levando em consideração os objetivos a que se submete a organização do discurso do orador.

Como vemos, o *pathos* é uma categoria da teoria retórica que fornece um potencial persuasivo tão importante quanto o *ethos* e o *logos*. Desse modo, é imprescindível perceber a influência que as paixões exercem no processo retórico, em que cada paixão, com suas particularidades, direciona o auditório ao que é proposto em um discurso, fazendo com que as emoções sejam o principal condutor no que diz respeito à adesão a uma tese posta em julgamento. Por isso, é preciso compreender que “o *pathos* é uma arma poderosa. Emoções como medo, raiva, vergonha ou piedade podem ser usadas como provas artísticas capazes de despertar impressões persuasivas” (Mateus, 2018, p. 110). Tais impressões têm a missão de conduzir o auditório de modo que este acredite e aceite o que está sendo oferecido.

Meyer (2007, p. 39) afirma que paixão “é o que o enraivece, o que ele aprecia, o que ele detesta, o que ele despreza, ou contra o que ele se indigna, o que ele deseja, e assim por diante, que fazem do *pathos* do auditório a dimensão retórica da interlocução”. Diante disso, compreendemos que o orador necessita reconhecer as paixões possíveis e existentes no seu auditório, aquelas que porventura poderão interpelar o sujeito interpretante com maior poder persuasivo, pois a paixão apresenta funções específicas, a exemplo da mudança de julgamento

que culmina com a ação de sujeitos persuadidos. “A função da paixão consiste em comunicar ao outro a diferença que é a sua: é uma resposta sobre um problema que separa, e há paixão na cólera que insulta, assim como no amor, que visa a aproximação” (Meyer, 2007, p. 38).

Em Rocha e Moura (2021), encontramos um estudo sobre as paixões retóricas presentes no discurso teológico. Trabalhando no campo do *pathos*, esses autores nos mostram como as paixões condicionaram todas as tomadas de decisões do auditório, bem como as do orador. No entendimento desses pesquisadores, “as paixões são mecanismos capazes de tornar os discursos persuasivos por meio dos estados da alma, da relação com o outro, das diferenças conflituosas” (Rocha; Moura, 2021, p. 166). Endossando mais ainda essa questão, Meyer (2007, p. 38) destaca que “a paixão é, portanto, um poderoso reservatório para mobilizar o auditório em favor de uma tese”. Como podemos observar, esses autores defendem a ideia de que é no campo das diferenças, do contraditório que se estabelece o *pathos* e a própria retórica.

Assim sendo, se todos pensassem da mesma maneira, não haveria a necessidade de persuadir o outro. Só há persuasão quando tentamos conquistar a adesão do outro acerca de uma tese que defendemos. “Isso reforça a identidade dos pontos de vista, ou a diferença em relação à tese que procuramos afastar” (Meyer, 2007, p. 38). É por meio dessas diferenças que o orador busca organizar as suas visadas argumentativas (Amossy, 2020) diante do seu auditório social, almejando movê-lo de alguma maneira. Não se trata de manipulação erística, mas de conseguir conquistar a adesão do auditório por meio de elementos passionais. Como sabemos, a retórica aristotélica não defende a ideia de vencer a todo custo, mas vencer junto com o outro (Abreu, 2009). Embora alguns utilizem a retórica para o mal (a exemplo da retórica dos intolerantes e ditadores), não é isso que prega a teoria de base aristotélica.

Figueiredo (2018) postula que a instância do *pathos* tem a ver com o auditório e suas paixões, no sentido de que o orador, por ocasião de sua argumentação, recorre ao terreno emocional do auditório. Para essa autora, o ato retórico passionais do orador só obterá êxito se as emoções do auditório se encontrarem disponíveis para serem exploradas discursivamente. Assim sendo, ela defende que é preciso existir uma prévia disponibilidade de caráter afetivo por parte do auditório, a fim de criar um espaço patêmico para que a paixão ou as paixões despertadas possam percorrer a alma do auditório e, desse modo, movê-lo. Nesse sentido, é necessário entender que “o orador precisa ser capaz de acessar o campo emocional de seu auditório por meio do uso adequado de processos discursivos que possam aflorar as afecções de quem testemunha seu ato argumentativo” (Figueiredo, 2018, p. 143).

Ainda nessa perspectiva, Meyer (2000, p. 41) preleciona “que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”. Sendo assim, com o intuito de alcançar a persuasão, é necessário que o orador atinja o seu auditório por meio do uso adequado do discurso de uma forma que o campo emocional seja afetado, através da dor ou prazer, mas que suscite emoções de quem presencia o ato retórico. A esse respeito, Aristóteles (2000, p. 3) ressalta o seguinte: “para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para aquelas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranquilos”. Ou seja, partindo dessa afirmação, compreendemos que as paixões assumem o poder de alterar o julgamento do auditório de acordo com as afecções que são introduzidas via discurso.

Um ponto importante a ser abordado é que as paixões são consideradas transitórias, isso porque são passíveis de serem revertidas e subvertidas, não sendo algo permanente e concreto, existindo, assim, a possibilidade de mudanças constantes diante do processo argumentativo. Através do que é pronunciado, a imagem, a impressão, os sentimentos por parte do orador e seu discurso, podem sofrer alterações, diante das crenças do auditório social. Isso acontece porque, conforme advoga o célebre orador romano Cícero (2009, p. 221), “os homens julgam muito mais por ódio, amor, desejo, cólera, dor, alegria, esperança, temor, perplexidade ou alguma outra excitação da mente do que pela verdade, uma prescrição, alguma norma legal, fórmula processual ou por leis”. Como podemos notar, as faculdades afetivas são as responsáveis por nossos julgamentos, segundo o referido autor. Se o orador souber perscrutá-las, certamente logrará êxito em todo o seu empreendimento argumentativo.

No Livro II de sua “Retórica”, Aristóteles (2011) apresenta catorze paixões que podem acometer a alma humana. São elas: cólera, calma, amor, ódio, medo, confiança, pudor, despudor, benevolência, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo. Por questões de extensão deste trabalho, uma vez que se trata de um artigo científico que, como gênero acadêmico, obedece a um curto quantitativo de páginas, não iremos tecer considerações sobre cada uma delas. Entretanto, no momento de nossas análises, iremos definir aquelas paixões que aparecem em nosso material analítico. Importa, desse modo, descrever, explicar e compreender de que maneira algumas dessas paixões são despertadas no discurso com o objetivo de atingir potencialmente o campo patêmico do auditório visado pelo orador.

Defendemos, com base nos trabalhos de Figueiredo (2018, 2020) que existe uma trajetória das paixões. Essa magistral autora, com base na teoria retórica de base aristotélica, conseguiu sistematizar uma nova linha teórico-analítica, intitulada Trajetória das Paixões. Ademais, é imprescindível perscrutar essa profícua teoria, que tem a capacidade de desnudar

os dispositivos argumentativos (Morais, 2019) que são utilizados no discurso de vertente passional. Notadamente, não vamos exaurir todos os aspectos dessa teoria, mas apenas aqueles que aparecem de forma latente em nosso material de análise de cunho teológico. A Trajetória das Paixões, vinculada estritamente ao *pathos* retórico, “fornece uma consistente aplicabilidade analítica, capaz de desvelar os fios persuasivos que perpassam os mais diferentes discursos, neste caso em específico, o teológico, atestando ser um eficiente instrumental analítico para o estudo de discursos passionais” (Rocha; Moura, 2021, p. 176).

De posse dessas asserções sobre o *pathos* retórico, iremos, na próxima seção, conhecer a referida proposta que vem, a cada dia, ganhando mais espaço e novas reformulações nos estudos retóricos contemporâneos que observam o viés passional dos discursos. Desde a publicação do livro “Trajetória das Paixões: uma retórica da alma”, em 2020, vemos eclodirem muitos trabalhos nessa perspectiva teórica e aplicada. Este estudo se junta aos demais e, também, oferece uma possível contribuição às pesquisas que estão sendo realizadas sobre os efeitos passionais em diferentes práticas comunicativas, neste caso em específico, na esfera teológica de base cristã e em todas as suas formas e possíveis ramificações.

Fundamentos da trajetória das paixões

A Trajetória das Paixões⁶ é uma teoria recente, formulada pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo, pesquisadora da Universidade de Franca/SP, assim como, fundadora e responsável pelo Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE/CNPq). Partindo da relevância e da eficácia do processo descrito inicialmente por Aristóteles (2011), foi que essa teoria passou a ser estudada e ampliada pela referida pesquisadora brasileira que vem, ao longo dos anos, sendo uma das principais responsáveis pelo avanço dos estudos retóricos da linguagem numa perspectiva estritamente retórica e argumentativa.

Este estudo se debruça sobre o *pathos* retórico, pois as paixões possuem uma grande capacidade no processo de persuasão, uma vez que interferem no campo passional, ou seja, nas questões afetivas que influenciam os sujeitos. Nesse sentido, Figueiredo (2020, p. 32) postula que “um dos recursos mais eficazes à disposição do orador é o despertar das paixões no auditório”. Ademais, ainda sobre as paixões, Meyer (2000, p. XL) assim se pronuncia: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra;

⁶ Link de acesso direto ao livro disponível em: <http://mariaflaviafigueiredo.com.br/downloads/paixoes.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ela é momento retórico por excelência”. É por meio do despertar das paixões que surge a negociação das diferenças sobre questões fundamentais geradas na controvérsia.

Partindo desse pressuposto, a teoria da Trajetória das Paixões é composta por cinco etapas, as quais, conforme Figueiredo (2020), descrevem o processo realizado no interior do campo persuasivo passional. A autora define as etapas como: Disponibilidade, Identificação, Despertar da paixão, Mudança de julgamento e Ação. Conforme essas descrições, segue abaixo um esquema proposto por Figueiredo (2020), apresentando a sua teorização inicial:



Fonte: Adaptado de Figueiredo (2020, p. 40).

Como podemos perceber, Figueiredo (2020) apresenta um esquema organizado em etapas sequenciais que atuam conjuntamente ao empreendimento retórico almejado por meio do discurso do orador. Como forma de melhor se entender esses estágios, é imprescindível descrever e caracterizar cada um deles. A própria autora explica que esses dispositivos passionais são dinâmicos e, por isso, é possível alternar a ordem estabelecida. Nesse sentido, o trabalho de Haddad e Figueiredo (2019) é de grande importância, pois mostra de que maneira moradores de rua agiram após sentirem determinadas paixões. Esse profícuo estudo comprova que os estágios da Trajetória das Paixões são plásticos, maleáveis, dinâmicos, pois os autores partem inicialmente da Ação para só depois chegarem aos outros estágios passionais.

A primeira etapa do esquema proposto por Figueiredo (2020) é denominada Disponibilidade, a qual significa que o auditório precisa se colocar à disposição do orador, ou seja, estar aberto àquilo que o orador apresentar via discurso. “Por meio dessa linha de raciocínio, enfatizamos que é necessária uma disponibilidade afetiva por parte do auditório para que a paixão preconizada pelo orador encontre espaço de atuação” (Figueiredo, 2020, p. 41). Nesse sentido, é preciso existir um acordo entre orador e auditório, a fim de que este esteja disposto a cooperar com o ato argumentativo e a sentir emoções lançadas a ele.

A segunda etapa é a Identificação e, sem ela, nenhum dos passos seguintes seria possível, justamente porque a partir dela são suscitados componentes cognitivos, como sensações, impressões. Nesta perspectiva, pode-se dizer que esse estágio ocorre quando o sujeito é afetado na alma. Essa etapa acontece quando o auditório se identifica com aquilo que é remetido a ele, a partir de um envolvimento com sua história, sua vida, relações, memórias, valores, concepções etc., influenciando assim no processo de acolhimento do discurso que está sendo proferido pelo orador. “Podemos entender, assim, que a identificação é o gatilho para o despertar das paixões. Sem esta etapa, a trajetória jamais se concretizaria. Isso porque só me sensibilizo, se antes conseguir me identificar” (Figueiredo, 2020, p. 43).

A terceira etapa é conhecida como Despertar da paixão, considerada como o ponto de união, o eixo entre os dois primeiros estágios com os dois últimos. Essa etapa é considerada como o ponto central da Trajetória das Paixões, pois como o próprio nome revela, há o despertar da paixão e sabe-se que se há paixão, há persuasão. É nessa fase, após o orador professar seu discurso, que o público passa a ser afetado não somente no campo emocional, mas também no físico. Nesse contexto, Figueiredo (2020, p. 44) alega que o auditório “passa, então, a experimentar as alterações e os processos fisiológicos que lhe ocasionarão as sensações de prazer e/ou dor”. Dessa maneira, havendo essa interferência no campo afetivo do sujeito, as paixões o influenciam a uma mudança sobre determinada tese ou ponto de vista.

A quarta etapa, denominada Mudança de julgamento, ocorre por meio da experiência de dor e/ou de prazer oriundas da paixão sentida, com relação aos julgamentos e às crenças dos sujeitos. Por conseguinte, diante do que já foi vivenciado nos outros estágios, o auditório chega a um momento de rever seus pensamentos, ideias, julgamentos e opiniões. É nesse momento em que “assistimos à conjunção do corpo e da mente impulsionados por uma mesma causa. [...] A ‘mudança de julgamento’ construída neste estágio estabelecerá os fundamentos para a tomada de decisão” (Figueiredo, 2020, p. 45). É nesse estágio que o auditório se vê amplamente interpelado a tomar alguma decisão sobre as emoções que lhe incitam.

Finalmente, a quinta fase da Trajetória das Paixões, a Ação, aborda o momento em que, no processo persuasivo, o auditório age de acordo com as emoções suscitadas por meio do discurso do orador. “Por fim, o processo persuasivo atinge seu objetivo último, qual seja: o de conduzir o auditório à ação. Neste estágio, assistimos ao espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo” (Figueiredo, 2020, p. 46). A mesma autora dessa recente teorização explica que a ação é o fechamento de todo um ciclo passional, uma vez que este já

percorreu todos os estágios necessários para a sua culminância. Espera-se, nesta última etapa, que o auditório realize ações intrínsecas aos desígnios do argumentador.

Todas essas etapas da Trajetória das Paixões funcionam como um recurso argumentativo capaz de levar o auditório ao assentimento de uma tese. Com base nesse entendimento, veremos de que maneira a aplicação desse instrumental teórico-metodológico funciona durante o estudo retórico de um discurso teológico. Um trabalho dessa natureza já foi realizado por Rocha e Moura (2021) e esses autores provaram a importância da referida teoria para a análise retórica de discursos pertencentes à esfera discursiva teológica. De nossa parte, importa analisar não o mesmo discurso que esses pesquisadores já estudaram, mas outro, o encontro entre Jesus de Nazaré e o cego Bartimeu, apresentado na narrativa do evangelho segundo Marcos (10:46-52). É importante postular que essa passagem bíblica se encontra, também, nos evangelhos sinóticos segundo Mateus (20:29-34) e Lucas (18:35-43).

A narrativa de Lucas é muito parecida com a de Marcos, mas Bartimeu é referido apenas como o cego sentado à beira do caminho de Jericó, sem ser nomeado; o episódio se dá quando Jesus está chegando a Jericó, em contraposição a Marcos que narra o fato na saída de Jesus de Jericó. Mateus concorda com Marcos no que diz respeito ao encontro se dar na saída de Jericó, mas refere-se a dois cegos, também sem nomeá-los. Assim sendo, nessa perícopa bíblica, investigaremos os estágios da Trajetória das Paixões, conforme as teorizações preconizadas pelo trabalho de Figueiredo (2020).

Análise retórico-passional do encontro entre Jesus e Bartimeu

A seguir, analisaremos o percurso de todos os estágios da Trajetória das Paixões a partir de uma análise retórica do discurso teológico destacado nesta investigação. Trata-se de uma famosa narrativa bíblica, que conta uma breve história do encontro entre Jesus e Bartimeu. O primeiro é considerado um grande mestre milagreiro; o segundo é considerado apenas um cego e mendigo. Todavia, esse encontro apresenta de que maneira a persuasão ocorre mediante o despertar de paixões. É isso que podemos observar no seguinte trecho selecionado:

E depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim. E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim. E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama. E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse:

Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho (Marcos, 10:46-52) (A Bíblia Sagrada, 1999).

A partir dessa narrativa teológica, podemos notar de que maneira os estágios da teoria da Trajetória das Paixões estão postos por meio desse discurso argumentativo com o objetivo de levar o auditório, neste caso, no próprio intradiscurso bíblico, ao convencimento e à persuasão das propostas que são apresentadas ao assentimento. Diferentemente do que acontece de forma recorrente no discurso retórico, no qual o orador é o primeiro a tomar a palavra e a enunciar, aqui percebemos o contrário, pois o personagem Bartimeu é quem inicia o processo discursivo, já que ele clama de forma expressiva: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim”. Importa afirmar que não estamos considerando o auditório enquanto constituído pelas pessoas que leem essa passagem bíblica ou até mesmo o narrador, mas os sujeitos que estão engajados nessa breve história, que supostamente aconteceu no primeiro século da igreja cristã; e que até os dias de hoje é lida e pregada por chefes religiosos de diferentes igrejas.

Desse modo, após o ato de linguagem apresentado como forma de súplica, entendemos que Bartimeu apresentava uma abertura de seu campo passional, para que fosse possível sentir determinadas paixões que viessem a ser suscitadas. Assim sendo, o estágio da Disponibilidade pode ser reconhecido no momento quando Bartimeu toma a atitude de clamar por Jesus de Nazaré, para que este tivesse misericórdia de sua vida. Como sabemos, a Disponibilidade fornece o acesso aos valores, às crenças, às opiniões, ou seja, ao conjunto de elementos que é capaz de mostrar essa abertura emocional em cada sujeito. Sem esses elementos, certamente não poderia existir essa relação passional entre orador e auditório, visto que a Disponibilidade é uma espécie de gatilho, cuja função é abrir as portas para a entrada do fenômeno da persuasão de natureza patêmica. Bartimeu concedeu a Jesus essa abertura e o mestre nazareno soube, de forma habilidosa, perscrutar as nuances passionais que estavam disponíveis.

Nesse sentido, observamos que o orador Jesus é interpelado pelo auditório constituído por um único sujeito, Bartimeu, a fim de que o jovem profeta de Nazaré lhe ouvisse e, sobretudo, que Jesus tivesse misericórdia por esse cego e mendigo que se encontrava em uma situação de extrema vulnerabilidade social naquela época. No primeiro século da era cristã, as pessoas cegas, aleijadas, surdas, mudas, ou que apresentavam quaisquer deficiências, eram consideradas pessoas que tinham sido punidas por seus pecados ou então pessoas possuídas por diferentes tipos de demônios. Isso fazia com que elas fossem postas à margem da sociedade e fossem totalmente excluídas. Bartimeu era uma dessas pessoas e encontrou na figura mística de Jesus uma oportunidade de se livrar de tal exclusão social e religiosa. Compreendemos, dessa

maneira, que Bartimeu, comovido e movido por algumas histórias que ouvira acerca de Jesus, buscou no jovem mestre a possibilidade de ser transformado completamente.

Com efeito, além de estar aberto a sentir determinadas paixões, Bartimeu, ocupando o lugar de auditório, insiste em estabelecer um contato com o orador, ao ponto de causar uma inter-relação entre as posições orador e auditório, pois, às vezes, parece que Bartimeu é o orador e Jesus o auditório. Essa troca simétrica de papéis enunciativos ocorre porque há uma relação indissociável entre ambos os sujeitos que ocupam lugares distintos nesse processo argumentativo. Todavia, os valores, as crenças, as opiniões comuns que eram compartilhadas aproximavam por demais esses dois sujeitos que eram judeus e estavam sob o jugo romano. Não é porque Bartimeu disse explicitamente: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim”, que temos a presença da paixão da misericórdia nesse ato argumentativo. Pelo contrário, essa paixão é despertada quando Jesus realiza a cura diante de todos, dando a seguinte ordenança: “Vai, a tua fé te salvou”. Além disso, o orador formula um *ethos* de milagreiro e outro de guia-pastor, de alguém que guia, zela e cuida de seus seguidores que estão sofrendo.

Segundo Aristóteles (2011), a misericórdia é um sentimento doloroso, gerado por um mal aparente, capaz de aniquilar uma pessoa ou de afligi-la. É nessa paixão que uma pessoa se coloca no lugar da outra, quando há a percepção de que outras pessoas estão sendo vítimas de alguma enfermidade, a exemplo de mortes, de golpes, de ferimentos, de maus tratamentos ao corpo, de velhice, de doenças, entre outras mazelas que afligem o ser humano. No caso específico de Bartimeu, ele possuía duas situações: era cego e, por isso, excluído da sociedade da época; era mendigo, condição adquirida certamente por sua deficiência visual.

Em seguida, após Bartimeu demonstrar essa abertura passional, podemos identificar que o orador passou a agir retoricamente, uma vez que notou a contemplação do primeiro estágio das paixões, ou seja, da Disponibilidade, que estava à mercê do discurso do orador. Logo em seguida, o discurso bíblico em tela apresenta que Jesus parou e mandou que chamassem o cego Bartimeu e este imediatamente foi ao encontro do jovem nazareno. O contato entre orador e auditório, tão preconizado pelos estudos retóricos, precisa estar fundamentado na ideia de acordo argumentativo, que é uma espécie de contrato de comunicação. Percebemos que ambos, Jesus e Bartimeu, se engajam nesse acordo, razão por que se dá o ato retórico e toda arquitetura do discurso argumentativo entre esses dois sujeitos do ato de linguagem.

Quando o orador convoca o auditório é porque se tem, nessa relação de proximidade e engajamento, um acordo argumentativo estabelecido por meio de valores comuns compartilhados entre ambos no mundo *dóxico*. Na verdade, compreendemos que só existe um

processo argumentativo quando orador e auditório estão dispostos a negociar valores, a fim de diminuir a distância que existe entre eles sobre uma questão que é considerada controversa. Após encontrar a Disponibilidade no campo afetivo do auditório, chegamos ao segundo estágio da Trajetória das Paixões, nomeado de Identificação. É o momento por excelência no qual a paixão ou as paixões despertadas recebem a autorização necessária para percorrer, como Figueiredo (2020) revela, a máquina humana, esta com uma ligação emocional, sentimental, afetiva, de acordo com o que é diagnosticado por meio do discurso persuasivo.

Em virtude disso, podemos asseverar discursivamente a presença de mais uma paixão retórica que pode ser depreendida. Isso mostra que, provavelmente, o chamado de Jesus suscitou em Bartimeu a paixão da confiança, pois segundo Aristóteles (2011), o que proporciona confiança é saber que aquilo que gera danos está distante. Neste caso em específico, o orador Jesus simbolizava uma possibilidade de transformação, isto é, Bartimeu poderia sair da extrema situação de vulnerabilidade na qual se encontrava como cego e mendigo. A paixão da confiança é a principal de todas as paixões, conforme vemos no trabalho de Figueiredo (2020), porque há nela o requisito principal de todo empreendimento retórico do orador: para que seja possível haver um determinado ato retórico, é necessário que orador e auditório compartilhem valores em comum e que se engajem mutuamente.

Ainda no estágio da Identificação, sabemos que ele diz respeito àquilo que fala de nossa história, da nossa vida, das necessidades, daquilo que nos toca e comove de modo especial. Na história do povo hebreu, desde os patriarcas, existia a ideia da vinda de um Messias, um homem Ungido por Deus, que surgiria do povo judeu para libertar esse grupo de possíveis jugos de servidão, e estabeleceria um reino sem fim aqui na terra. Certamente, Bartimeu também conhecia essa história que era passada de geração em geração pelos judeus. O próprio Moisés, líder máximo da religião judaica, havia sinalizado sobre a vinda do Messias. Essas sensações cognitivas provavelmente também estavam interpelando Bartimeu e quando ele ouviu dizer que Jesus poderia ser essa pessoa, encontrou aí a possibilidade de ter a sua vida totalmente transformada pelo Ungido que viria salvar os judeus do jugo romano. Bartimeu se identificou com o discurso de Jesus e com as histórias sobre esse profeta e, por isso, sentiu confiança nele.

Em seguida, conforme narra o discurso teológico, vemos que Bartimeu se levanta e vai ao encontro do profeta, mesmo sem saber o que aconteceria mais à frente, uma vez que já existia no referido mendigo a Disponibilidade para sentir as paixões e uma Identificação que lhe fazia experimentar sensações cognitivas particulares do seu universo de crenças. Bartimeu parece que foi realmente tocado, primeiramente, por um *ethos* prévio de Jesus, sobre informações que ele

tivera conhecimento antes mesmo de conversar com o nazareno. Jesus, por meio de suas pregações, construiu diferentes imagens de si. Parece que, para Bartimeu, uma das imagens construídas por Jesus era mesmo a de um profeta milagreiro. Como explicar tal confiança sem ao menos conseguir ver ou conversar com Jesus? É nesse ponto que podemos falar em mais um dos estágios da Trajetória das Paixões, no qual se afeta a alma, a mente e o corpo. Foi a partir do Despertar da Paixão que Bartimeu passou a sentir no próprio corpo a necessidade de se encontrar com Jesus para ser curado de suas enfermidades e de sua exclusão social.

Podemos pensar na possibilidade de Bartimeu ter sentido confiança, pois a todo momento transmite o sentimento de que confiava na ideia de Jesus curá-lo. Em um dos trechos da narrativa teológica, temos o seguinte relato: “E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista”. Neste trecho, o orador parece desdenhar da situação difícil vivida por Bartimeu. Jesus sabia que ele era cego e vivia mendigando e mesmo assim perguntou qual seria o desejo de Bartimeu. Estrategicamente, o orador faz uma pergunta retórica a fim de envolver o seu auditório, para saber se realmente ele irá pedir o que mais precisa naquele momento. Provavelmente, se Bartimeu tivesse, por exemplo, pedido riquezas ou algo parecido, o profeta judeu não teria concedido. Nesse sentido, Jesus transmitiu um *ethos* de credibilidade para Bartimeu e este foi atendido em sua petição.

Diante dessa situação, percebemos a presença do quarto estágio, a Mudança de Julgamento, que se dá mediante o discurso, visto que o orador atinge o seu auditório para uma tomada de decisão. Bartimeu resolveu crer na possibilidade de ficar curado apenas porque Jesus disse que isso iria acontecer. Após o poder se transformar em realidade por meio das palavras proferidas por Jesus “Vai a tua fé te salvou”, naquele momento, Bartimeu teve a certeza de que realmente Jesus de Nazaré era o Messias que o povo judeu tanto aguardava. Após essa experiência miraculosa, mente e corpo são direcionados a realizar uma mudança de opinião e atitude em relação ao que está em jogo discursivamente.

Como vemos por meio dessa história bíblica, Bartimeu também interpela Jesus através de seu clamor, convencendo-o de suas necessidades e aflições e, acima de tudo, expondo toda sua fé diante daquele que estava em sua frente. Sendo impulsionado pela mente, o corpo concretiza aquilo que lhe foi apresentado. Quando o orador Jesus de Nazaré enuncia: “Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho”, podemos perceber o suscitar da paixão da misericórdia, pois a narrativa mostra que Jesus se compadeceu e livrou Bartimeu de uma enfermidade (cegueira) e de uma situação de mendicância. Desse modo, a atitude do orador

está em total sintonia com aquilo que o auditório almejava, ou seja, uma cura miraculosa e uma mudança de vida, a fim de que pudesse ocorrer uma transformação radical na vida.

Em seguida, é possível descrever a presença do quinto estágio da Trajetória das Paixões, a Ação, em que através de todos os outros dispositivos, há o desfecho da argumentação do orador, alcançando o seu objetivo, que é o de conduzir o auditório à ação. Assim sendo, constatamos que o orador se adaptou ao seu auditório para atender a uma necessidade existente. Com isso, a paixão da misericórdia foi contemplada em virtude dessa ação discursiva de Jesus. Ora, sabemos que esse mestre, em outros discursos bíblicos, costumeiramente suscita a misericórdia diante de muitas pessoas que lhe procuravam. Bartimeu foi uma delas, pois conseguiu chamar a atenção de Jesus e ser contemplado com a cura.

Uma outra paixão se destaca de maneira expressiva nesse discurso teológico, pois revela as atitudes e o próprio caráter do orador diante do seu auditório. O amor, conforme Aristóteles (2011), é aquilo que alguém que deseja algo para o ente amado também o deseja para si próprio, revelando-se ser um amigo que nunca abandona o outro em momento de extrema dificuldade. A partir dessa conceituação, reconhecemos que a paixão do amor também é despertada nesse discurso mediante a atitude de Jesus ao pronunciar: “Vai, a tua fé te salvou”. Essa ordenança de Jesus extrapola um simples modo de linguagem de teor imperativo, mas demonstra cuidado, zelo, pela vida de Bartimeu, razão por que esse mendigo conseguiu obter a cura da cegueira e, conseqüentemente, a mudança de vida. Neste discurso final, a benevolência também é suscitada, pois Jesus era milagreiro e utilizou seus dons para ajudar Bartimeu.

Essa paixão da benevolência, segundo Aristóteles (2011), ocorre quando alguém dispõe de muitos recursos e se presta a ajudar pessoas que não têm tais recursos. No entanto, é importante destacar que esse favorecimento que alguém realiza não visa receber nada em troca, mas apenas promover um gesto de benefício ao próximo. De acordo com essas informações, foi justamente isso que o orador Jesus realizou durante o seu encontro com o auditório, neste caso, constituído por Bartimeu. Em nenhum momento da narrativa bíblica, vemos o orador solicitar algo em troca de seus favores miraculosos na vida de Bartimeu.

Após tudo isso, a Ação de Bartimeu foi uma só: “E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho”. Conforme esse trecho bíblico, podemos afirmar que o orador conseguiu persuadir Bartimeu, pois este tomou a decisão de seguir Jesus, ou seja, tornou-se, por assim dizer, um dos seus discípulos. A atitude de Bartimeu, após ser acometido por várias paixões despertadas por Jesus, foi seguir o mestre que lhe curou. O desejo, o impulso, a cura, a mudança de vida, todos esses fatores contribuíram para que Bartimeu seguisse Jesus. As paixões que foram despertadas

pelo orador se caracterizaram como uma espécie de gatilho, o qual impulsionou a tomada de decisão do auditório. Certamente, sem esses efeitos passionais, essa passagem bíblica não teria as mesmas condições argumentativas, uma vez que onde há paixão, há também ação.

Esse percurso teórico-analítico de um discurso teológico de base bíblica nos mostra como a Trajetória das Paixões consegue, de maneira profunda, fornecer sólidos mecanismos capazes de analisar de que maneira certos atos passionais de linguagem conseguem produzir diferentes meios de persuasão via discurso. No caso em tela, o orador Jesus se serviu desse arsenal patêmico a fim de persuadir Bartimeu. Conforme aponta o texto bíblico, o orador conseguiu persuadir, uma vez que o auditório foi interpelado e passou a seguir as orientações designadas pelo discurso do orador. Certamente, esse discurso não teria causado o mesmo efeito se fosse produzido a partir de uma lógica racional, destituído de paixões.

É por isso que o *pathos* é aquilo que nos toca no mais íntimo do comportamento humano em questões emocionais. Aqui no Brasil, na Grécia Antiga, na Palestina e em todos os lugares do mundo, os seres humanos são movidos por paixões! É algo que todos nós não podemos abdicar de nossas vidas, pois, de uma forma ou de outra, somos seres retóricos e passionais e esses aspectos fazem com que possamos pensar e tomar decisões diariamente.

Considerações finais

A partir do instrumental teórico e metodológico da teoria Trajetória das Paixões, desenvolvido pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo, fundadora e líder do grupo PARE/CNPq, foi possível perceber de que maneira elementos de natureza patêmica estão dispostos no discurso teológico aqui analisado. O orador, se servindo do *pathos*, agiu de forma estratégica para persuadir o seu auditório social. Podemos visualizar que paixões como a misericórdia, a confiança, o amor, a benevolência, foram despertadas durante o encontro entre Jesus de Nazaré e Bartimeu, como forma de conseguir conquistar a confiança do auditório.

Isso mostra que o discurso bíblico e/ou teológico, assim como todos os outros tipos de discursos, também apresenta elementos que têm o potencial de levar o outro a aderir a uma proposta apresentada ao assentimento. Durante as seções deste trabalho, vimos que todos os estágios da Trajetória das Paixões (Disponibilidade, Identificação, Despertar da Paixão, Mudança de Julgamento e Ação) se fizeram presentes de maneira sólida, razão por que podemos afirmar que todo discurso argumentativo fundamentado no viés passional apresenta uma trajetória que culmina com a ação daquele a quem se dirige o discurso persuasivo.

Este trabalho se soma a outros estudos, a exemplo de Haddad e Figueiredo (2019), Figueiredo (2020), Rocha e Moura (2021), entre outros, que se dedicaram ao estudo das paixões retóricas. Sabemos que o nosso trabalho realizou apenas uma breve análise de apenas uma pequena perícopa bíblica, mas mostrou de que maneira as nuances persuasivas passionais se fizeram presentes. É importante que outros estudos sejam realizados nessa área, para que o conhecimento científico possa avançar. É por isso que convidamos outros estudiosos para que possam contribuir com pesquisas em torno do *pathos* retórico em discursos teológicos, da religião cristã, ou de outras religiões, uma vez que tais discursos persuadem.

A nossa investigação mostrou como as paixões têm o potencial de imprimir no auditório a força persuasiva capaz de movê-lo e comovê-lo. O *ethos* não pode ser esquecido, pois todas as vezes que o orador toma a palavra isso implica na construção de uma imagem de si. O *logos* também preconiza todo o discurso, uma vez que representa o uso racional dos diferentes tipos de argumentos encadeados via discurso do orador. Não realizamos uma análise da trilogia retórica propriamente dita, mas podemos asseverar que esses três componentes estão imbricados e trabalham conjuntamente nos alicerces do discurso argumentativo.

Se o orador não construir uma imagem crível, o auditório não confiará; se os argumentos não forem postos de maneira sólida, todo o discurso não conseguirá conquistar a adesão pretendida. Todavia, nesse discurso analisado, assumimos que esses aspectos estão postos de forma consistente, razão por que se tem o efeito persuasivo. O auditório foi arrebatado pelo discurso do orador, mas isso não aconteceu de qualquer maneira, pois além do percurso passional realizado em estágios determinados, a imagem de si e os argumentos atuaram de forma a contribuir com todo esse processo argumentativo de vertente emocional.

Por fim, importa dizer da importância deste trabalho para o campo dos estudos retóricos da linguagem, uma vez que analisou um tipo de discurso que, às vezes, é pouco estudado nas ciências da linguagem, seja por preconceito, seja por falta de material teórico, ou por quaisquer outros motivos ainda desconhecidos. Defendemos incisivamente a necessidade de o analista retórico do discurso se debruçar sobre os discursos teológicos, já que eles têm muito a nos dizer sobre histórias, memórias, narrativas, que sempre estão presentes em diferentes espaços sociais. De nossa parte, apresentamos esta contribuição aos estudos da linguagem, mas sabemos que existe todo um universo a se descobrir nesse âmago retórico patêmico.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2009.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. *In*: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

EHRMAN, Barth. **Jesus existiu ou não?** Rio de Janeiro: Agir, 2014.

FERREIRA, Luiz Antonio. Atos retóricos: do medo e da confiança. *In*: FIGUEIREDO, Maria Flávia; VIDAL, Gerardo Ramírez; FERREIRA, Luiz Antonio. (Orgs.). **Paixões aristotélicas**. Franca/SP: Unifran, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitadas. *In*: LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; MANFRIM, Maria Pacífico; FIGUEIREDO, Maria Flávia. (Orgs.). **O texto: corpo, voz e linguagem**. Franca, SP: Universidade de Franca, 2018.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “trajetória das paixões”. *In*: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir Matos; FERRAZ, Luana. (org.). **Trajетória das paixões: uma retórica da alma**. Franca: Unifran, 2020. p. 29-55.

HADDAD, Gabriel Henrique; FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões no discurso de moradores em situação de rua. **Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 10, p. 146-171, 3 jun. 2019.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). *In*: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide Salvador. Paixões, emoções e afetividade na trilha do tempo: lugar no discurso. *In*: FIGUEIREDO, Maria Flávia; VIDAL, Gerardo Ramírez; FERREIRA, Luiz Antonio. (Orgs.). **Paixões aristotélicas**. Franca/SP: Unifran, 2017.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. *In*: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola: 2019.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROCHA, Max Silva da; MOURA, João Benvindo de. “Quem não tiver pecado atire a pedra”: a trajetória das paixões aplicada ao discurso teológico. **Verbum**, v. 10, n. 2, p. 155-179, set. 2021.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267